

586

O FILHO BASTARDO

1231

DRAMA EM 3 ACTOS

ESCRITO EXPRESSAMENTE PARA SER REPRESENTADO NA
SOCIEDADE DRAMATICA PARTICULAR

LUZO-BRASILEIRA

E LIDO NA 9ª PALESTRA DOS — ENSAIOS LITTERARIOS —, A
31 DE OUTUBRO DE 1875

O Filho Bastardo

In: Theatro de Arthur Rocha, v. 1. Porto Alegre:
Officinas do jornal A Federação, 1876, p. 1-75.

A JOSÉ RODRIGUES DA ROCHA

COMO PROVA DO MUITO AMOR E RESPEITO QUE LHE VOTA

O seu obediente filho o autor,

PRESERVE SUA FONTE
DE CONHECIMENTO



A. Rocha.

BIBLIOTECA CENTRAL



Arthur R. da Rocha

Lith. de J. Alves Leite.

MEMORIA

AMOR FI



La dessa celeste mans
ento, habita hoje, receb
potestio rehemente e sin
amor, de uma imperer
recebe-a. Deixa que o
entido sobre a terra
na primeira pagina e
como um tributo de
nao te podem ver de
de uma orphica
arrouhos
só do



A'

MEMORIA DE MINHA MÃI

1231

AMOR FILIAL — ETERNA SAUDADE



O autor.

MINHA MÃI.

Lá dessa celeste mansão onde a tua alma pura, de certo, habita hoje, recebe na dedicatoria deste livro o protesto vehemente e sincero de um devotado e respeitoso amor, de uma imperecível saudade.

Recebe-a. Deixa que o teu filho, a quem não é mais permittido sobre a terra sentir o calor de teus beijos, a doçura de teus carinhos e o enlace de teus abraços, inscreva na primeira pagina de seu livro o teu nome sacrosanto, como um tributo de veneração á tua memoria.

Si não te podem ver os meus olhos, embaciados pelas lagrimas de uma orphandade precoce, vê-te a minh' alma nos arroubos estremecidos de seu amor filial, e lança-se a teus pés implorando-te a graça de tua benção.

Agosto de 1876.

A. Rocha
BIBLIOTECA CENTRAL

PERSONAGENS

Eduardo de Aguiar.
 Tabellião Almeida.
 Dr. Servulo de Oliveira, pardo.
 Felinto de Aguiar.
 Celina, filha de Eduardo.
 Mathias, creado.

M. Vencescellos
B. de Fânias
Arthur Rocha
S. Floresta
M. Angelica
J. Moreira

EPOCHA — ACTUALIDADE

ACÇÃO — NOS ARRABALDES DO RIO DE JANEIRO

Sist. 347804

Reg. 424365

Data: 20/06/2006

JPE

SP

869.99239

R 632 f

90
da
Novel
ACTO 1.^o

O theatro representa uma casa de campo com tres arcos ao fundo e ornada com simplicidade e gosto.

in
Scena 1.^a

MATHIAS (Ao fundo.)

Lá andão as duas creanças na sua habitual distração!... Mal se levantão, já correm ao jardim a desinquietar as innocentes borboletas. Que mania! (descendo). Ora que fossem lá unicamente para isso, vá... mas não senhor, quebrão-me os canteiros, colhem-me as flores mais bonitas, arrancão os brotosinhos e depois o seu creado Mathias que vá indireitar ou refazer o que tanto trabalho lhe custou. (Subindo). Lá anda o tramanzola a correr... Ah! meu tempo! Como tudo tem mudado! Antigamente — um rapagão como o tal Sr. Felinto aprendia um officio e já ganhava dinheiro quando menos para vestir-se... hoje?... E' o Sr. Estudante... tem 22 annos e ainda vive á sombra do papá... nas ferias vem para casa

— já se julga no direito, porque é meio-doutor, de maltratar o velho creado que o trouxe ao collo e de fazer quanta extravagancia lhe suggerer o pensamento !... E o que diremos da menina Celina ? No tempo em que eu fui creança... sim, porque já o fui, as meninas da sua idade traziam vestidos curtos, não iam á bailes nem á theatros, se saíam eram acompanhadas do papá ou da mamã... hoje ! Trazem vestidos compridos, afunilados e cheios de puffs, que lhes desfigurão as fórmãs naturaes, vão aonde querem e com quem entendem que as deve acompanhar ! Verdade é que a menina Celina tem um bom coração, mas os mimos do Sr. Aguiar botão-n'a a perder. Se elle faz-lhe todas as vontades !... Mas, elles ahi vem : Calada !... (*Espaneja os moveis*).

Scena 2.ª

MATHIAS, FELINTO E CELINA

Felinto e Celina entram de braço, trazendo no hombro cada um uma rede de coçar borboletas.

FELINTO

Que bella colheita, prima !

CELINA

E' verdade. (*Indo sentar-se e vendo Mathias*). Meu pai ?...

MATHIAS

Está no seu gabinete escrevendo.

FELINTO

Sabes se chega com effeito hoje o homem que meu
tio esperava?

MATHIAS

Qual?

FELINTO

O Dr. Servulo...

MATHIAS

Esperamol-o a todo o momento.

CELINA

Bem. Manda servir o almoço.

MATHIAS

Sim, Sra. *(Sahe)*.

Scena 3.^a

CELINA E FELINTO

FELINTO

Como lhe assentão bem esses ares de dona de casa!

CELINA

Acha?

FELINTO

Acho que tudo quanto faz é cheio de encanto e atractivo.

CELINA

Como o primo é lisongeiro !

FELINTO

Engana-se, Celina, não ha lisonja nas minhas palavras : ellas são a verdadeira e concisa expressão dos meus sentimentos. Se soubesse quanto prazer eu sinto quando a ouço fallar, como me delicio quando a prima canta !...

CELINA

Oh ! Sinto unicamente que não possa estar sempre a cantar, visto que isso tanto lhe apraz !

FELINTO

Seria muita barbaridade exigir-lhe tanto sacrificio !

CELINA

Creia, porém, que de hoje em diante farei quanto puder para satisfazer o seu innocente desejo. Diga-me agora : quantas borboletas apanhou ?

FELINTO

Um cento.

CELINA

Que é dellas ?

FELINTO

Soltei-as...

CELINA

Boa resposta ! Então peço-lhe para ajudar-me a cal-as para o quadro que estão fazendo, e o primo depois de tel-as seguras, deixa-as fugir ? *(Sorrindo)*. Quer me parecer que não apanhou nenhuma !...

FELINTO

Contra isso protestão os meus brios de caçador consuminado ; quanto ao soltar-as...

CELINA

Sim, quanto ao soltar-as ?...

FELINTO

Fallemos francamente : Não lhe parece uma crueldade isto que nós praticamos com os innocentes bichinhos, quando elles voltejão em derredor da flôr, cujo mel os fascina, quando destendem as suas azinhas de mil cores que resplendem ao brilho do sol, prendel-os n'uma rede e depois espetal-os na ponta de um alfinete, martyrisando assim essas innocentes creaturinhas para satisfazer apenas um capricho infantil ?

CELINA

Mas se é tão bonito tel-as n'um quadro, collocadas symetricamente !...

FELINTO

Olha, prima, eu tenho melhor coração do que a Sra.

CELINA

Porque?

FELINTO

Porque não posso praticar a barbaridade de matar essas borboletas tão bellas quanto inoffensivas!

CELINA

Ora, eis o primo em completa contradicção! Disse ha pouco que achava attrahente e encantador tudo quanto eu fazia, e agora...

FELINTO

E agora repito-o ainda. Essa mesma tyrannia lhe assenta. A impaciencia com que as procura no meio das flores, suas irmãs pelo perfume e pela belleza; a raiva que por momentos a assalta, crispando-lhe os labios avelludados e carmineos, quando a borboleta furta-se á sua armadilha; o sorriso que perturba a habitual serenidade de seu rosto quando a apprehende; emfim todas as acções com que acompanha as evoluções de sua caçada, dão-lhe uma certa expressão de candura e de ingenuidade que me enleva e arrebatá. E a não ser assim pensa que me submetterá com tanta docilidade aos seus monões desejos?...

CELINA

Pois bem, primo, far-lhe-hei de hoje em diante a vontade. Vou pregar no quadro as borboletas que apanhei e prometto não mais martyrisal-as, mesmo porque me parece que ellas estão escasseando.

FELINTO

Que duvida ! Se a prima ha um mez as persegue com tanto denodo e pericia !

CELINA *(Indo buscar uma rede que tem deixado no fundo).*

Não vem, primo ?

FELINTO

Não ; esperarei aqui até que se sirva o almoço.

CELINA

O que pouco deve demorar. Até já. *(Sahe).*

Scena 4.ª

FELINTO. *(Só, acompanhando-a com a vista).*

Belleza, candura, virgindade ! Eis ali a vossa imagem ! Como eu a amo ! Entretanto, não sei porque ?... por um receio talvez infundado tenho medo de confessal-o. Sinto que vivo quando estou perto della. E lá, na academia, nas longas horas de estudo, na solidão de meu gabinete, se alguma coisa me anima, é a sua imagem, que eu vejo nos sonhos, estereotypada na gloria que ambiciono e no futuro que me sorri. Oh ! Celina, sem ti não viveria, porque tu és o fogo que vigora minha alma para supportar o peso da orphandade em que o destino me arrojou, e da protecção desinteressada que teu nobre pai me dispensa... és o meu ser, o meu futuro, toda a minha gloria e aspirações ! Oh ! cedo, talvez, eu possa realisar as minhas esperanças. E' preciso que eu lhe falle, e isso será hoje.

Scena 5.^a

FELINTO E MATHIAS

MATHIAS

Serve-se o almoço.

FELINTO

Lá vou. *(Sahe)*.

MATHIAS

E' isto : Comer e dormir... Ora, eu não sou maldizente, mas não posso ver calado a vida que este senhorzinho leva ! O que me parece é que afinal sahe daqui um *casorio*, que redundará em muito proveito para Felinto, visto que a menina tem um bom dote ! Trate-mos, porém, de arranjar o quarto do doutor Servulo, que tantas recommendações tem merecido do barão de Filgueiras. Pelo que tenho visto, o homem não é lá muito pouca coisa, mas estou muito propenso a crêr que é uma segunda edição do que por cá temos. Emfim... eu cá sou como S. Thomé : Vêr para crêr. *(Vai a sahir e to-cão a campainha do portão)*. Batem ! Quem será ? *(Sahe e pouco depois entra conduzindo o tabellião)*.

Scena 6.^a

MATHIAS E ALMEIDA

MATHIAS

Para aqui, Sr. Almeida, entre para aqui.

ALMEIDA

O Sr. Aguiar ?

MATHIAS

Está almoçando. Se quer irei prevenil-o de que V. S. se acha aqui. (*Vai a sair*).

ALMEIDA

Não ; eu esperarei. (*Sento-se*).

MATHIAS

Não sei que milagre é este. Ha mais de seis mezes que não nos vemos. Afinal chegou o dia em que nos veio visitar.

ALMEIDA

Enganas-te, Mathias, não vim fazer visitas. Estou velho e já me custa bem a caminhar uma boa legua (que para ver um velho amigo seria muito proveitosamente andada) se a molestia, outra terrivel inimiga da velhice, não pezasse sobre mim. Venho a serviço. Recebi hontem uma carta de Aguiar em que me pedia para chegar hoje a sua casa, prevenindo-me de que viesse munido do meu livro de notas. Quererá elle fazer o seu testamento ?

MATHIAS

Não sei, Sr. Almeida ; talvez seja para isso. O Sr. Aguiar, desde que viemos para o campo, tem feito uma completa e notavel mudança.

ALMEIDA

Conta-me isso, Mathias ; bem sabes que sempre fui seu amigo e que me interesso bastante pela sua felicidade. Estará elle doente ?

MATHIAS

Parece-me que não. Pelo menos nunca se queixa de coisa alguma; é apenas uma preocupação constante, uma certa concentração que não lhe é natural. Não sei; eu já me lembrei que talvez elle, como se acha velho e cansado, se atormente pensando no futuro de sua filha, que parece não querer casar.

ALMEIDA

A razão, se é essa, é de facto bem procedente. Aguiar é velho, e... Porém, diz-me: Como vai o Felinto; conta-me que já está formado?

MATHIAS

Não, senhor; está no 5.º anno e agora gozando as férias.

ALMEIDA

Dizem que é um moço intelligente e promette muito. Deus o permitta, porque é uma bella alma. Nesse rapaz está um bem edificante exemplo da nobreza de sentimentos do velho Aguiar.

MATHIAS

E' verdade, Sr. Almeida. Olhe que quando morreu o pai do Sr. Felinto, ultimo dos seus progenitores que lhe restava, era elle pequenino, um pirralhinho que muitas vezes carreguei ao collo e que (quando) bem boas cadelas me fez. O Sr. Aguiar, que amava extremamente seu irmão, tomou-o a sua conta e criou-o com os mesmos desvelos e carinhos que dispensava à sua filha a Sra. D. Celina.

ALMEIDA

Lembro-me bem disso. Eramos então vizinhos, morávamos ambos na rua do Areal, perto da praça d'Acclamação.

MATHIAS

Justamente. V. S. era nesse tempo militar.

ALMEIDA

E' verdade ! Tinha ainda boas pernas ; o reumatismo não me havia invalidado. (*Levantando-se e indo ao fundo*). Bonita chacara ! Aguiar sempre teve bom gosto para isto. Tudo bem arrumado... lá, por isso, tu sempre foste muito zeloso.

MATHIAS

Qual, Sr. Almeida ! E' que hoje esperamos um hospede que nos vem muito recommendado pelo barão de Filgueiras, de São Paulo...

ALMEIDA

Sim ?... E quem é ?

MATHIAS

O doutor Servulo...

ALMEIDA

Tenho ouvido fallar muito na côrte desse homem como um grande advogado.

MATHIAS

Todas as informações que meu amo tem tirado a seu

respeito, e mesmo as cartas do barão, são concordes com o que V. S. acaba de dizer.

ALMEIDA

Porém que virá elle fazer neste lugar?

MATHIAS

Segundo me consta vem examinar uns campos que lhe couberão por herança de seus pais, e com os quaes vae fazer transacções com o governo imperial.

ALMEIDA

Teremos então occasião de capacitar-nos dos seus meritos.

MATHIAS

Sim... mesmo porque eu cá sou como S. Thomé: *vêr para crêr!*

ALMEIDA

Sempre incredulo e rabujento!

MATHIAS

Incredulo sempre o mesmo, rabujento—um pouco menos.

ALMEIDA

Anda lá. *(Olhando)*. Porém, lá vejo duas pessoas no jardim...

MATHIAS *(Olhando tambem)*.

E' a menina Celina e o Sr. Felinto. Então já acabarao de almoçar. Vou prevenir meu amo da sua chegada.

ALMEIDA

E' desnecessario... eil-o que se dirige para aqui.

Scena 2.^a

AGUIAR E ALMEIDA

(A' entrada de Aguiar, Mathias inclina-se e sahe).

AGUIAR. (*Abraçando Almeida*).

Meu velho amigo !... Afinal vieste...

ALMEIDA

E' verdade, Aguiar. Precisaste dos meus serviços, e eu não me quiz fazer esperar : aqui estou.

AGUIAR

Agradeço-te a promptidão. Porém, me parece, a não ser meu pedido cá não vinhas.

ALMEIDA

De certo. Não porque esquecesse a tua amizade, que préso demasiado, mas, as innumeras occupaões que pe-são sobre mim e o maldito rheumatismo que me atormenta ha muito tempo, não permittem que eu possa caminhar, se bem que de carro, uma boa legua. Canso, porque além de tudo os annos vão se accumulando, e, como diz o padre Vieira—*a velhice é doença*.

AGUIAR

Conheço tudo isto.

ALMEIDA

Ainda bem, e assim me farás justiça. Tu, porém, não

sei por que deixaste a corte e vieste com tua filha met-
ter-te cá tão longe. Celina não deve gostar muito deste
isolamento.

AGUIAR

Pelo contrario. Minha filha aborrece a corte. E além
disso, Felinto, que está connosco no gozo das férias, a
distráhe com o seu génio folrasão e sua bondade. Quasi
irmãos, elles ahí vivem descuidosos e felizes; Celina é um
anjo e Felinto uma bella alma. E já que o acaso nos trou-
xe a esta conversação, aproveitemol-o porque é ella a
causa do incommodo que te dei.

ALMEIDA

Quasi que adivinhei. Quando recebi o teu recado
conjecturei que tu querias assegurar o futuro de tua fi-
lha.

AGUIAR

Dize antes: de meus filhos... É longo e importan-
te o que tenho a dizer-te, por isso prepara-te para ouvir-
me com attenção e sobretudo com a indulgencia de um
verdadeiro amigo.

ALMEIDA

Trata-se então de uma confidencia?

AGUIAR

Ouve-me. *(Indica o sofá e sentão-se)*. Almeida, tu
que foste meu companheiro de infancia, o meu amigo
depois quando nos tornamos homens, sabes que por mor-
te de meus pais fiquei senhor de uma importante fortu-

na, e entre os muitos bens que me couberão, figurava uma fazenda nas immediações da cidade de Santos, provincia de S. Paulo...

ALMEIDA

Sei. Ah! passamos nós bem agradáveis dias.

AGUIAR

Bem. Empreguei os primeiros mezes depois da morte de meu pai em fazer prosperar a minha herança. Sabes também, que meu pai possuía grande numero de escravos. Pois bem, entre os que fazião o serviço da casa havia uma, dessas em cuja face transluza a têz sympathica do jumbo, de uns olhos negros como o tucum, e em cujo talhe delgado e esbelto imprimio Deus a graça, a negligencia, e os requebros indolentes e voluptuosos que caracterisão as filhas da raça ethiopica. Moço ainda, ao vê-la, senti o deslumbramento impetuoso que produz na mocidade uma paixão sensual. De dia em dia eu sentia que essa paixão augmentava. Ella era tão meiga! Parece que igual sentimento produziu nella a minha figura, nesse tempo elegante, porque nenhuma escrava tratou jámais do seu senhor com os cuidados que ella me prodigalisava. Um dia pensei: pois eu tenho uma escrava, posso fazer della o que me aprouver, adoro-a e tenho medode confessal-o? Julguei-me um covarde e essa cobardia envergonhou-me... Passarei por alto o periodo de um anno, e dir-te-hei que no fim desse tempo Carlota tinha um filho, e seu pai era...

ALMEIDA

Eras tu. Continúa.

Aguiar, qdo
jovem, teve
um filho com
a escrava
Carlota, mulata,
muito bonita
perto de Santos

AGUIAR

Era eu. A essas paixões sensuaes succede sempre o aborrecimento, e em breve senti tedio. Tive saudades da vida do Rio de Janeiro, daquelle turbilhão, daquelle alegria e confusão, e entre os soluços e lagrimas da pobre Carlota, que me apresentava nos braços o seu filhinho, parti para a corte. Ali chegando, a dissipação e o luxo forão dando cabo da minha herança paterna. Meus bens ião passando a mãos estranhas sem que eu o presentisse. Para salvar-me, um unico meio restava : um casamento vantajoso. Tinha-me eu então apaixonado por uma moça, que depois foi minha mulher, e tão feliz fui, que ella possuia um bom dote, e seu pai ignorava os desregramentos de minha vida. Com facilidade pedi e obtive a sua mão. Era feliz : ia ser marido da mulher que amava e fazer desaparecer a minha precaria posição. Um dia, porém, ao entrar em casa, já em vespas do casamento, vi sentada na porta uma mulher com uma creança ao collo. Reconheci : era Carlota ! Ah ! meu amigo, um raio que tivesse cahido naquelle momento perto de mim não me sobresaltaria tanto. Fil-a entrar e procurei ouvil-a com calma, porém muito mal podia dissimular a minha raiva. Ella chorou, pediu, disse que o consorcio que se ia realisar era a morte para si e a orphandade para seu e meu filho. Carlota, no auge da sua dôr, esqueceu-se da sua infamante condição e ousou propôr-me uma fuga. A principio ouvi-a com sobresalto, depois com odio, mas afinal usei de meios brandos para socegal-a. Disse-lhe que deixar de casar-me era impossivel, porém que educaria convenientemente seu filho, dar-lhe-hia a liberdade e fal-os-hia felizes. Isto socegou-a mais. Porém eu mentira e muito; ardia de rancor e desespero. Sali; e no dia seguinte bem cedo, prescindindo de mais explicações, Carlota era vendida com seu filho para a provincia do Rio Grande do Sul...

Aguiar abandonou
Carlota e o filho
volta ao Rio de
Janeiro

Gaston a herança
e casou-se com
uma moça
ruiva

Às vésperas do
caso Carlota
aparece e o filho
lupão foge e
ali.

Ele prometeu
libertação e
educar o filho,
mas no dia
seguinte, vendeu
o filho para
o RGS

ALMEIDA (*levantando-se*).

Aguiar, pela primeira vez na minha vida sinto repugnância de te ouvir. Não sabia que eras tão cruel!

o amigo o
repellido

AGUIAR (*fazendo-o sentar*)

Não me condemnes sem me ouvires... Acabado o obstáculo que se oppunha á minha felicidade, casei-me e fui completamente feliz. Tudo isto, Almeida, eu t'o soube occultar com a mais subtil astucia, porque conhecia bem os teus sentimentos

ALMEIDA

E te dizias meu amigo! Porém, afinal, que tencionas fazer?

AGUIAR

Continúa a ouvir-me. Depois que o rancor desapareceu, a razão voltou e eu tive tempo de reflectir. Só então, meu amigo, pude avaliar a crueldade que praticara... e arrependi-me...

Aguiar arre-
pendido de
aquella que fez

ALMEIDA

Tardio arrependimento!...

AGUIAR

Dizes bem : tardio. — Do meu matrimonio nasceu uma filha; essa que ahí vês, e que dulcifica-me de alguma fórma a existencia com seus carinhos e meiguices — Entretanto, quando eu a apertava nos braços, quando lhe enchia de beijos a face ondulada pelo riso ingenuo da creança, sentia necessidade de repartir aquelles cari-

nhos e chorava. . . Foi então que meu irmão falleceu deixando um filho ainda pequeno. Tomei-o à minha conta, fiz d'elle meu filho, julgando minorar assim os remorsos que me punhão. Ballada pretensão! Elle ahí está: fiz da creança um homem, vou garantir o seu futuro, e isto não me basta! . . .

ALMEIDA

Queres, por tanto? . . .

AGUIAR

Casar Celina com Felinto. Assim procedendo, julgo cumprir o juramento que prestei a meu irmão, quando, já moribundo, depositou-me nos braços seu filho, pedindo-me protecção e amparo para aquelle que ficava orphão.

ALMEIDA

E sabes se elles se amão?

AGUIAR

Nunca m'o disserão, mas já o adivinhei. Além disso e principalmente quero reconhecer como meu filho legitimo para que entre na successão de meus bens, essa pobre creança nascida de Carlota.

ALMEIDA (*levantando-se e apertando a mão de Aguiar*)

Logo vi, Aguiar, que tu não desmentirias a consideração que sempre te dispensei! — Pretendes, pois, dar um nome a essa creança, que um desvario teu arrojou n'uma posição infame? Bem; porém onde encontral-a? . . .

Remorsos

Quem que
Celina se
casar e Felinto

e quem reconhece
o "filho
bastardo" que
seu e Carlota
e deu-lhe
parte da
herança

AGUIAR

Desde que sahi da cõrte, e mesmo quando lá residia tive muito cuidado de informar-me se elle era ou não vivo, e os dados que colhi me fazem crer, senão com inteira certeza, ao menos com probabilidade, que elle existe. Carlota foi feliz: a pessoa para quem a vendi compartilhando ambos, tomou interesse por seu filho e, liro. Eis o que sei, e isso me basta. Faça-se o que quero; se eu morrer, receba elle o que por direito lhe cabe, e se elle nunca apparecer, ninguém gose o que de facto lhe pertencia.

Carlota foi feliz
foi m. AGS e
seu filho educado

ALMEIDA

Deve ser esse o procedimento de todo o homem honrado, que se encontre nas mesmas condições em que te achas. Agora reconheço-te. Voltas a ser o meu Aguiar. Tinhas-me feito medo! Trata-se então de uma escriptura de perfilhação e outra de casamento?

AGUIAR

De escriptura de perfilhação, por enquanto; sobre a de casamento fallaremos depois. *(A Almeida que tem ido ao fundo buscar o livro)*. Passa ao meu gabinete que em breve estarei contigo.

ALMEIDA

Então, até já... *(Sai)*.

AGUIAR

Sim, até já.

Scena 8.^a

AGUIAR *(Só)*.

Grças, meu Deus ! Arranquei de cima do peito um peso que me suffocava ! Sinto-me mais feliz. Agora preparemo-nos para receber o Dr. Servulo, que não deve demorar. O barão de Filgueiras na sua ultima carta dizia-me que no dia 17 elle cá estaria. E' hoje 17, e por consequencia... Ouço passos. *(Indo ao fundo)*. Ah ! são Celina e Felinto, que para aqui se dirigem.

Scena 9.^a

O MESMO, CELINA E FELINTO.

CELINA *(Correndo a Aguiar)*.

Andavamos á sua procura !

AGUIAR *(com meiguice tomando-lhe as mãos)*

Sim ? e para que ?

FELINTO

Para dizer-lhe que...

CELINA

Sim, que...

AGUIAR

Em conclusão : que ?...

CELINA

Por um acaso...

FELINTO

Imprevisto...

AGUIAR

Quebrarão algum vaso, ou pisarão algum canteiro?

CELINA

Advinhou. Olhe, mas não foi por querer...

AGUIAR

Creanças! Sempre a travessura!...

CELINA

Verdade é que forão as alfaces do Mathias...

AGUIAR

E logo de quem?... Fallará hoje todo o dia e sempre. Emfim vocês são duas creanças... E não posso mais ouvir-os porque Almeida me está esperando.

FELINTO

Vimol-o ha pouco na janella do seu gabinete.

AGUIAR

Fiquem descansados: eu remediarei o melhor que puder o mal que vocês acabão de praticar. Adeus. (Sai).

Scena 10.^a

FELINTO E CELINA.

FELINTO

Como os dias se passam, prima...

CELINA

E' verdade, parece que ainda hontem o primo chegou...

FELINTO

E entretanto, está talvez bem perto o dia em que de novo nós separaremos!

CELINA

Para que lembral-o?... Somos tão felizes assim, esquecidos e descuidosos!

FELINTO

Debalde tento esquecer. Quando penso que tenho de apartar-me destes lugares onde a vejo todos os dias, que não ouvirei por muito tempo (quem sabe) o som mavioso de seu piano ao doce impulso de seus dedos, entristeço e quasi choro... (*Commerido*).

CELINA

E pensa que tambem eu não sentirei?...

FELINTO

Celina... deixe que a trate assim: Até hoje temos vi-

vido na doce intimidade do lar domestico, preses, ao menos apparentemente, por um vinculo sagrado, quasi fraternal; embalou-nos o mesmo berço, bebemos alimento no mesmo seio, gosamos da nossa infancia sob o mesmo tecto, somos por consequencia, senão irmãos consanguíneos, irmãos ao menos pelo coração; diga-me, porém: nunca sentio por mim outro sentimento mais vehemente, mais arrebatador do que o da amisade?

CELINA

Primo...

FELINTO

Oh! diga. Estou prestes a deixal-a; vou buscar lá nos reconditos da sciencia o complemento de meus doirados sonhos, isto é, a gloria, essa visão vaporosa tão esquivada quanto encantadora; e sabe para que? Para depô-la aos pés daquella a quem entreguei o coração. E se esse culto fosse recusado, creia, Celina, eu morreria porque esse amor é a minha vida.

CELINA

Primo, eu...

FELINTO

Até hoje temos occultado um sentimento novo, que existe entre nós; porém agora, que vejo tão perto o marco da minha romaria, desejava abrir o coração para tornar n'elle algumas gottas de esperanza. Diga-me, Celina, nunca sentio por mim outro sentimento que o da amisade?

CELINA

Felinto, para que esconder-te por mais tempo o que

*O rapaz se
declara e
da consequente*

meus lábios anciavão por confessal-o ? Para que occultar mais este amor que me ferve no peito e que delle transborda abundantemente ? Vae, parte, mas fica certo de que nas tuas longas noites de estudo o meu coração estará contigo, a minha alma acompanhará as evoluções do teu pensamento.

FELINTO

Obrigado, Celina...

CELINA

E depois, quando voltares, achar-me-has ainda mais acrisolada no amor que me inspiraste.

FELINTO

Oh ! Como eu sou feliz ! (*Ajoelha-se e beija-lhe a mão*).

Scena 11.^a

OS MESMOS E SERVULO, DEPOIS AGUIAR.

(*Servulo de ponche de pala, como quem vem de uma viagem a cavallo, apparecendo no portão*). O Sr. Eduardo de Aguiar ?...

CELINA E FELINTO

Ah !

FELINTO

(*Depois de pausa, cobrando animo e contrariado*): Que lhe quer ?

SERVULO

Fallar-lhe...

FELINTO

(*Tocando a campainha, Mathias apparece*). Dize ao Sr. Aguiar que o procurão.

MATHIAS

Sim, Sr. (*Sahe*).

FELINTO

(*A Servulo*). Mandei prevenil-o. Espere.

CELINA

(*Baixo a Felinto*). Quem será ?

FELINTO

(*Idem*). Talvez escravo de algum amigo de seu pai.

AGUIAR

(*Entrando*). Quem é ? Quem me procura ?...

SERVULO

(*Tirando o ponche e mostrando-se vestido com simplicidade, mas elegancia*). O Dr. Servulo de Oliveira ! (*Pasmo de todos. Aguiar corre a apertar-lhe a mão e recua dizendo*): Ah !

SERVULO

Que tem, Sr. Aguiar ?

AGUIAR

Nada... uma vertigem... desculpe. (*Aperta-lhe a mão*).

Servulo,
mulato,
meu escravo

Aguiar recua
e o filho

SERVULO

Admira-se?... eu já o esperava. Em mim, Sr. Aguiar,
verifica-se o antigo e bem conhecido rifão: *O habito não*
faz o monge!

FIM DO 1.º ACTO.

ACTO 2°.

A mesma scena do anterior.

Scena 1ª.

ALMEIDA, AGUIAR E SERVULO.

SERVULO.

Bizia, então, Sr. Almeida...

ALMEIDA

Que já ando aborrecido da corte, e desejava bem deixar de mão os malditos autos, sair d'aquella aliviação de velhos papéis que deteriorão a saúde e embrotam a imaginação. Invejo a tua vida, Aguiar. Aqui, neste pequeno paraíso, no gozo pleno da liberdade que sóem ter os homens probos e abastados, e sob a determinação das caricias que teus filhos te prodigalisão.

AGUIAR *(Com dissimulação)*

Dizes bem, sou completamente feliz.

SERVULO

O Sr. Aguiar é a imagem de um horticultor perito na sua profissão. Como estes destacão as flôres que mais sympathicas lhes são, e tratão-n'as com esmero e carinho, assim também não quiz que D. Celina permanecesse no centro daquella sociedade que se revoluciona no Rio de Janeiro. Fez bem. As flôres da virgindade d'alma são tão perfumosas, sensíveis e delicadas que o contacto de outras, embora também puras, pôde emurchece-las.

ALMEIDA

O Dr. definiu com verdade e poesia a causa do teu retiro, Aguiar.

SERVULO

E, com effeito, se a côrte pôde offerecer bem estar a alguém, não é por certo aos pais de familia honrados, que presão a innocencia e candura de suas filhas mais do que a ostentação balofa de rendas, sedas, diamantes, e phrases afrancezadas, que são lá actualmente a face do bello sexo. Aquella vida convém áquelles que, como eu, nascerão para viver escondidos no centro da multidão, para quem se fechão as portas do grande mundo social. Occulto no meio do povo, eu lanço ás vezes olhos para cima e rio-me, se não lamento, as misérias que por lá superabundão.

AGUIAR

O Dr., apesar da pouca idade que parece ter, demonstra uma experiencia, que eu tão velho ainda não pude adquirir.

vida na
côrte

SERVULO

E' que eu estudei o organismo d'aquelle *petit monde*, obrigado por bem fortes circumstancias.

ALMEIDA

Seria indiscripção perguntar quaes são ellas ?

SERVULO

As distincções, os escrúpulos e os preconceitos sociais.

ALMEIDA

O'Dr. é severo de mais para essa sociedade quando trata de si. E' verdade que os prejuizos existem de pé, mas é tambem certo que elles não se estendem áquelles que, como o Dr., se elevão pela nobreza de procedimento, e por uma esclarecida e pujante intelligencia. Digo isto porque julgo ter comprehendido o sentido das suas palavras.

SERVULO

Agradeço-lhe a opinião lisongeira que de mim fórma, porém a verdade das minhas palavras, permitta-me a franqueza, basta que eu a sinta.

AGUIAR

Parece-me, entretanto, que o Dr. não se lembra de que me envolve no numero dos seus accusados.

SERVULO

Perdão ; a ninguem accuso ; todos têm o direito de

*Severit no
arte*

pensar da forma que lhes aprouver, porém quando eu tivesse de resentir-me e de formular accusações, sem duvida o Sr. Aguiar não estaria isempto dellas.

AGUIAR

Como ?

SERVULO

Não é preciso perguntar-m'o porque não está longe o dia em que o vi pela primeira vez para que se tivesse esquecido do que então se passou. Porém deixemos esta conversação, que pôde redundar em enfadonhas discussões. Diga-me, Sr. Almeida, pretende demorar-se muito tempo aqui ?

ALMEIDA

Emquanto durarem as férias judicarias, que hontem apenas começaram. A chacara de Aguiar enfeitou-me : tenho-me até sentido melhor do rheumatismo desde que aqui estou. Mas, porque ? Precisarà o Dr. por ventura dos meus fracos prestimos ?

SERVULO

Não, Sr. Almeida : a curiosidade apenas de quem preza em demasia a sua companhia, levou-me a dirigir-lhe esta pergunta.

AGUIAR

E o seu negocio, Dr., corre bem ?

Memo
importar
a vende
do Brazi

E

mod-
teia
altos
rant
ven
dos
cas
se
po
tu

SERVULO

Menos mal. As terras valem muito mais do que a importancia que o governo lhes dá ; mas estou resolvido a vendel-as ainda assim. E' que a tactica dos governos do Brazil entrou tambem no plano dos meus estudos.

AGUIAR

E o que aprendeu ?

SERVULO

O que aprendi ? Que a banca ministerial transformou-se em balcão, e o ministro é um negociante. Regateia a fazenda particular para lucrar com ella, e impõe altos valores á fazenda do Estado para ennobrecer-se perante a nação. As mais das vezes, se não é um miseravel vendedor de despachos injustos, apaixonados e destituídos de senso, é o ignorantão que, por evoluções politicas, se vio collocado na cadeira que nem saberia limpar, se não passasse de um creado de gabinete. Ah ! a nossa politica, como a nossa sociedade, tem muito que estudar.

ALMEIDA

Diz bem, Dr. A situação é vergonhosa. Os politicos com honrosas excepções, não defendem uma causa, um principio—inspirão-se apenas no sordido ganho e na cobiça exagerada. A liberdade é um mytho, a oppressão uma verdade palpavel, contra a qual ninguem se atreve a protestar.

SERVULO

Villões !... Liberdade, dizem todos, liberdade no

Acurso a
enavidação, na
quais pais vendem
filhos →

Brazil, em que *(frizando)* os pais vendem seus filhos, em que ser escravo é uma lei !... Liberdade—mentira !

AGUIAR *(Que estremeceu ouvindo as palavras de Servulo.)*

Felizmente, segundo se diz, trata-se de fazer passar nas camaras a lei do elemento servil, que se não vem extirpar de todo esse cancro social—a escravidão, ao menos concorrerá para abrandar-lhe a voracidade.

SERVULO

Deus queira que ella se effectue. Porém... *(Tirando o relógio.)* São 10 horas, e eu prometti á Sra. D. Celina ir ver as suas flôres. Hão de, pois, desculpar.

AGUIAR

Pois não, Dr., por mais de uma vez lhe tenho dito que está em sua casa.

SERVULO

Obrigado. *(Sahindo).* Até logo.

ALMEIDA E AGUIAR

Até logo.

Scena 2ª.

ALMEIDA E AGUIAR

ALMEIDA

E' um nobre e altivo character !

Ele sabe que
é filho de Aguiar

que lê
serva?
(1875)

E' ver

Porém

Eu ?

se acha

e me at

la frieza

que exp

da na

da ving

sorriso

peza e

com y

pelos

AGUIAR (*Pensativo*)

E' verdade... (*Pausa*).

ALMEIDA

Porém, em que pensas?

AGUIAR

Eu?... Escuta-me, Almeida. Desde que este moço se acha em minha casa, uma idéa me acompanha sempre e me atormenta. Tenho presentimentos de que, sob aquella frieza umas vezes, outras sob uma vehemencia e calor que exprimem raiva concentrada, existe uma alma ferida nas suas mais estremecidas fibras e presa da febre da vingança. Ouviste o que elle disse ha pouco com um sorriso de escarneo e ira nos labios: liberdade! n'um paiz em que os pais vendem seus proprios filhos? Pois bem; n'aquelle momento eu estremeci, julgando ouvir pelos labios d'elle fallar a voz de Carlota.

ALMEIDA

Enlouqueceste, Aguiar!... A tua imaginação, presa hoje do remorso desse crime, deixa-se impressionar por qualquer phrase que o encadeiamento da conversação ou o acaso produzio. O Dr. Servulo nada mais é do que um character altivo, ferido pelo desprezo de uma sociedade estúpida. Democrata de coração, envergonha-se da desgraçada situação em que nos achamos, e condemna por isso os desmandos della. Ali—falla mais uma alma revoltada contra as misérias da actualidade, do que um coração rancoroso e cheio de despeito.

Aguiar pressen-
te algo em re-
laç. a Servulo
- repete o que o
rapaz disse

Almeida acha
que a imaginação
alimenta-se pelo
remorso

AGUIAR

Não, Almeida, muito embora procures definir-me por forma diversa o seu character, não me afastarás da idéa que me assoberba o espirito. E demais sinto por elle uma attracção, que deixa de ser simplesmente sympathia, para ser amizade, e amizade capaz de enormes sacrificios; achô um não sei que n'aquellas feições, um certo timbre na sua voz, que me traz á memoria a figura da pobre Carlota, que eu tão cruelmente tratei.

ALMEIDA

E quando assim fosse, não tens cumprido o teu dever? Não reconheceste essa creança como teu filho legitimo, não lhe déste partilha nos teus bens? Deixa-te de *mariguices*. . . Erraste? O arrependimento salvou-te. Socega, pois, esse espirito e distrahe-te dessas idéas que te podem ser perniciosas.

AGUIAR

Se soubesses. . . Ha 22 annos que me debato no meio desta incerteza cruel; ha 22 annos que não cesso de pedir a Deus indulto para os meus males, e felicidade para meu filho. Ainda hontem sonhei com elle, vi-o. O seu rosto era o de Servulo. Appareceu-me com os pulsos arochados pela oppressão de duros e fortes grilhões e disse-me: eu era livre, e tu me vendeste! Ah! meu amigo, tive medo e chorei. . .

ALMEIDA

Decididamente enlouqueceste. E agora para complemento de tudo isto apparecem as visões nocturnas a te fallarem e a te provocarem lagrimas! . . .

Comprehen
s meus pesare
se interesse.

Bem, ben
para pausa
para assump
Arar: a es
is assign

Esipul
ei?

Sim.
anda o
culo o
a cons

O rapaz lembra-se
Carlota

Sonha q o filho
que tem o
rosto de Servulo

AGUIAR

Comprehendo-te. Amigo, como és meu, sentes com os meus pesares e procuras dissuadil-os. Eu te agradeço esse interesse.

ALMEIDA

Bem, bem ; seja lá o que quizeres... (*Depois de pequena pausa em que se mostra embaraçado, como quem procura assumpto para mudar de conversa*). Ah ! é verdade. Aguiar : a escriptura de casamento está prompta. Faltão só as assignaturas.

AGUIAR

Estipulaste as condições constantes da nota que te dei ?

ALMEIDA

Sim. Que tu dotas a noiva com 50:000\$000 e lhe das ainda o direito de te succeder nos teus bens, devendo tanto o dote, como o que ella ha de herdar por tua morte, constituir a fortuna do casal.

AGUIAR

Parece que assim asseguro o futuro de Felinto e o faço feliz ?

ALMEIDA

Sem duvida alguma. Agora que tudo está disposto, não seria melhor que este casamento se effectuasse depois da formatura de Felinto ?

AGUIAR

Porque razão ?

ALMEIDA

E' que elle estudaria com mais vontade, ao passo que, casando já, pôde aborrecer os livros.

AGUIAR

Não me convém, e além disso tenho certeza de que Felinto não procederá por essa fôrma.

ALMEIDA

Tambem não sei d'onde possa provir essa pressa ? !

AGUIAR

Não vês, então, que os meus joelhos já se estão curvando muito para a terra e que estou velho e cansado ? Não sabes que a velhice é a proximidade da morte ?

ALMEIDA

Outra vez idéas lugubres ! Eu sou mais velho do que tu 2 annos e entretanto não penso na morte, e Deus me livre della ! E' tão desagradavel morrer !...

AGUIAR

Pois sim ; para ti que tens um passado sem culpa, de que te não podes envergonhar...

ALMEIDA

Ta, ta, ta, ta, cahimos de novo na maldita conversa ! Homem, sabes que mais, vamos passeiar ao jardim, lá te distrahirás um pouco mais.

AGUIAR

Não creio, emfim...

ALMEIDA

A vista de tua filha te alegrará. Vamos.

AGUIAR

(Sai de braço para o jardim).

Scena 3ª.

MATHIAS

Ninguém! Que milagre! E' tão raro estar esta sala deserta, que isto hoje me causa sincera admiração. Depois que chegou o tal Dr. Servulo, ninguém pôde vir aqui! Ora são visitas, outr'ora é elle que, recostado no sofá, dorme ou pensa, porque tambem eu não pude ainda verificar qual das duas cousas elle faz. *(Olhando para todos os lados)*. O tal Dr. parece-me um grande pomadista! Todo cheio de si, todo enfatuado, que parece trazêr o rei na barriga. E' isto! Não sei o que elle quer ser. Secco, severo e até um pouco malcreado. *(Servulo apparece)*. O que é mais galante é que, segundo me parece, elle anda fazendo a corte á menina Celina, como se meu amo consentisse que a sua filha rica e prendada se case com um sujeito que nasceu em dia tempestuoso, e cuja origem ninguém conhece. Sabe Deus se sua mãe não foi escrava cá da casa; é cousa de que eu não duvido... Emfim... Sua alma sua palma... lavo as mãos... *(Vae a sahir e dá com os olhos em Servulo, que tem descido e sentado-se no sofá)*.

Para Mathias, Servulo corteja Celina, mas Aguiar não permitiria que um possível filho de "escrava cá da casa" se case a Celina

Scena 4.ª

MATHIAS E SERVULO

MATHIAS (*Assustado e recuando*).

Oh !... V. S. estava aqui ! !...

SERVULO (*Com calma*)

E' verdade, e escusado será dizer-te que ouvi tudo. Não sei que mal te fiz para merecer-te taes conceitos. E's a imagem do maldizente. Pouco apreço dou ás tuas palavras ; porém, (*levantando-se um pouco commovido*) se tiveres mais a audacia de fallar em minha mãe, insultando, profanando assim as suas cinzas, que eu respeito tanto ou mais do que ao proprio Deus, saberei mostrar-te como se faz calar os maldizentes.

MATHIAS (*Assustado*)

Queira desculpar-me, Sr. Dr. ; mas se eu advinhasse que V. Ex. estava aqui, não teria dito semelhante cousa.

SERVULO

Sei disso : os maldizentes são como os cães : estes accommettem o viandante pelo garrão, aquelles mordem apenas os calcanhares das victimas. (*Tirando dinheiro*). Ahi tens em paga do serviço que me prestaste.

MATHIAS (*Estupefacto, recebendo o dinheiro*)

Que serviço ? !

SERVULO

O de te ficar conhecendo ! Retira-te !

MATHIAS (*Sahindo*)

Sim, Sr., (*à parte*) D'onde não se espera d'ahi sahe!

Scena 5.

SERVULO

Infeliz ! Diz mal de todos por habito ! (*Pausa*). Eis-me finalmente aqui... aqui, nesta casa que é minha. Depois de tantos sacrificios e privações, vejo finalmente quasi corôados de felix exito os meus projectos. Estou na casa de meu pai... digo mal, de Aguiar, nome que trago na memoria desde a mais tenra idade, e que jámais poderei esquecer. Ah ! fique descansado... não é uma fortuna que venho buscar ; essa ganhei-a nos bancos de uma academia, tenho-a nos meus titulos scientificos. Que quero é um nome que me falta, e que hei de obter a todo o custo. Basta já de soffrir ; quero apparecer de frente erguida, affrontar os preconceitos dessa sociedade, de que até agora tenho fugido, como o criminoso á justiça que o persegue ! Quero amar... sim, porque sinto necessidade desse sentimento doce e consolador. Amôr !... que sou obrigado a occultar no mais intimo do peito, para não offender com elle o orgulho daquella a quem o votei. Miserrima condição ! Deus, porque estabecestes distincções quando creaste a humanidade ?... (*Cahe sobre a cadeira e apoia a cabeça nas mãos*).

Scena 6.

SERVULO, CELINA E FELINTO

CELINA

Então, Dr., em que pensa ?

Servulo revela
que sabe onde está
que Aguiar é seu
pai e que tem pro-
jectos...

Quer um nome, um
homem

Quer affrontar os
preconceitos da
sociedade

Quer amar... sem
invergonhar a
pessoa amada

SERVULO (*Levanta-se assustado e occultando a furto as lagrimas, com fingida alegria*).

Eu... minha Sr.^a ?... No dia em que cheguei á sua casa...

FELINTO

E do qual sem duvida guarda bem desagradaveis impressões, em relação á maneira por que o tratei. Porém já me desculpou, não, Dr. ?

SERVULO

Não tenho do que. O que fez é tão natural !... Agradeia ao pés d'aquella a quem ama, a felicidade que lhe dava n'uma palavra de amor. Vim interrompel-os com a minha presença porque um creado que encontrei lá em baixo disse-me : entre por ahí e vá lá áquelle portão ! Obedeci. A minha intempestiva chegada contrariou-o, e o Sr. Felinto não teve tempo sequer, no embarço em que se achava, de reparar em mim. Tomou-me por escravo de algum amigo do Sr. Aguiar... isso pouco vale. A côr que Deus imprimio-me nas faces é tambem peculiar a esses miseros escravizados por seus proprios irmãos. Já vê que dou para tudo uma razão plausivel.

CELINA

Eu bem sabia que o doutor nos desculparia. E agora, que somos amigos, conversemos á vontade.

FELINTO (*Sentão-se*).

Então, Dr., tem gostado do lugar ?

SERVULO

Muito. Aqui, debaixo do azul alvo deste céu, sobre as

campos
x
citale

penedias deste sólo recurvado de quando em vez por verdes tapetes de relva, sinto que respiro e vivo. Limpidos e suaves horisontes, despídos das exalações putridas e dos miasmas pestilentos que circundão a cidade. Aqui tudo é livre : o pensamento mesmo parece que desprende-se do circulo que o craneo lhe traçou e sóbe ás eminentes regiões a inspirar-se nas bellezas do céo.

CELINA

E' impossivel que o doutor não seja poeta !

SERVULO

E' tão possivel que o não sou. Admiro tudo quanto é grande e nobre ; enlevo-me a contemplar as maravilhas com que Deus dotou a natureza, mas, infelizmente, não possuo o dom de fundir em suaves e cadentes versos as impressões que a imaginação recebe.

FELINTO

O Dr. é a modestia personificada. Esconde porém os seus reaes e provados meritos debaixo de um véo tão tenue, que através d'elle pôde ver o mais cégo dos homens.

SERVULO

Agradeceria essas palavras se não passassem de um galanteio que estou bem longe de merecer. Poeta é o Sr. . .

FELINTO

Eu ? que nunca fiz versos ? . . .

SERVULO

Amar é um poema, e o Sr. ama, não é verdade? Pois olhe, eu nem sequer sei o que é o amor!

CELINA

Permitta-me a liberdade, Dr., porém não posso acreditar no que acaba de dizer.

SERVULO

Dar-me-ha n'esse caso o trabalho de contar-lhe a minha vida. Quer ouvir?

CELINA

Com muito praser.

SERVULO

Não será, porém, agora. Muito breve V. Ex. saberá quem é o doutor Servulo de Oliveira. *(Vai ao fundo buscar o chapéo)*.

FELINTO

Então, doutor, retira-se?

SERVULO

Não quero ser importuno.

CELINA

O doutor faz-nos injustiça, julgando-nos capazes de dar-lhe tal qualificativo.

SERVULO

Conheço bem, minha senhora, a situação em que nos achamos, para que continue por mais tempo a cohibir a expansão de duas almas que se compreendem e se amão. (*Sahe.*)

Scena 7.º

CELINA E FELINTO

FELINTO

Tenho inveja deste homem, prima, inveja do seu talento e de suas qualidades.

CELINA

E' na verdade um distincto cavalheiro.

FELINTO

Quasi que tenho medo d'elle.

CELINA

Medo, por que !

FELINTO

Ha na vida deste homem um mysterio, que se denuncia por certa reserva apparente, um modo de desculpar faltas, uma tal delicadeza que não vi ainda em pessoa alguma. Emfim, o Dr. Servulo para mim é uma raridade.

CELINA

E o que tem isso ?

— 48 —

FELINTO

E' que as mulheres são dadas ao romantismo, que temo que a raridade e mysterio que o cobrem, roubem-me a minha unica ambição, isto é, o seu amor.

CELINA

Tem então ciumes, primo ? Em vez de zangar-me, alegro-me, porque isso demonstra que o meu affecto é bem correspondido. Fique, porém, descansado. Como o primo, admiro as virtudes desse homem, dir-lhe-hei (sem que n'isso possa existir menos o preço aos laços que nos unem), que o estimo. Foi uma sympathia espontanea, e que é hoje amizade sincera ; porém o sentimento que elle me inspira, acredite, é bem diverso d'aquelle que o primo me merece.

FELINTO

Acredito e essa franqueza me allivia. Deus queira entretanto que tudo isso não se transforme em amor.

CELINA

Verá que não.

FELINTO

Olhe, amo-a tanto, que se tal acontecesse, não sei se poderia continuar a viver. Neste amor concentram-se as minhas mais caras ambições, os mais doirados sonhos de minha phantasia de moço.

E porque o não pedio? Bem sabe que não lhe será difficil obtel-o.

FELINTO

Sei disso. Mas só quero fazel-o quando puder renunciar aos beneficios desse caridoso ente. Não que elles me envergonhem, mas porque sinto que não poderão mais caber no meu coração, que extravasa de gratidão; quero formar-me, para ser depois completamente feliz.

CELINA

E o que é preciso para que esses sonhos se realizem?

FELINTO

O consentimento de seu pai. (*Aguiar apparece*).

CELINA

Scena 8.^a

OS MESMOS, ALMEIDA E DEPOIS AGUIAR E SERVULO

AGUIAR

Creanças!

CELINA E FELINTO (*Sorprehendidos*).

Ah !

AGUIAR

Antes de m'os dizerem, já tinha eu comprehendido que se amavão ; tambem os amo bastante para quando deseje esse enlace. Felinto, abraça tua esposa.

FELINTO

Meu tio...

CELINA

Meu pai...

AGUIAR

A escriptura de casamento está lavrada; falta apenas a assignatura dos conjuges. Fixem o dia, que deve ser o mais breve possivel. Estou velho, posso morrer, e assim quero antes assegurar a felicidade de meus filhos. (*Abraça-os commovido*).

ALMEIDA (*Entrando com Servulo*)

Bravo ! eis aqui um bonito quadro de familia !...

AGUIAR

Completado por dois amigos sinceros, como tu e o doutor Servulo.

SERVULO

Obrigado, Sr. Aguiar ; accetaria esse titulo se não
ambicionasse outro ainda maior. //

AGUIAR (*Estupefacto*).

Qual ?

SERVULO

Deus o sabe, e o futuro lh'o dirá !

Cahe o panno.

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO 3°.

O theatro representa a mesma scena dos anteriores

Scena 1.ª

FELINTO E CELINA

*Felinto sentado na cadeira perto da meza e Celina de pé
junto delle*

CELINA

Porém, que tem primo? Ha tantos dias vejo-o tão
triste e reservado... Sente-se doente?

FELINTO

Nada sinto, minha senhora...

CELINA

Minha senhora ! !... esse tratamento...

BIBLIOTECA CENTRAL
PUCRS

FELINTO

E' o que costume dar ás pessoas a quem respeito.

CELINA

Nesse caso quer o primo ensinar-me como devo tratá-lo?

FELINTO

Não tive essa intenção; mas se V. Ex...

CELINA

V. Ex.! E' admiravel! Com effeito!... dir-se-hia que somos dois estranhos que o acaso reunio.

FELINTO

E de hoje em diante, creia, minha senhora, pouco mais serei do que isso.

CELINA (*Que tem tomado uma attitude séria*)

Até agora pensei que o Sr. Felinto estava gracejando; vejo, porém, que falla sério. Permitta-me por isso que lhe diga que um semelhante procedimento para com aquella a cujo destino se devia unir e muito breve pelos laços sagrados do matrimonio, é bem digno de reparo.

FELINTO

E é a senhora quem quer censurar o meu procedimento?

CELINA

Sem duvida. E para isso tenho os direitos que os

seus juramentos e protestos de amor me conferirão. Não é sem razão que o Sr. Felinto procede dessa forma, e essa razão, falsa ou verdadeira, não pôde deixar de ser-me offensiva.

FELINTO

Perdão, minha senhora, não lhe fiz recriminações. O coração é livre, o amor mais livre ainda. Se algum pezar me punge é o de ter sido tão cruelmente enganado.

CELINA

Não o comprehendo!...

FELINTO

Lembra-se das palavras que proferi quando lhe ouvi dizer que sentia pelo Dr. Serrulo uma amizade, que brotou-lhe espontanea no coração? Disse-lhe: Deos queira que ella se não transforme em amor! Ah! minha senhora, eu então vaticinava o futuro!...

CELINA

Fútil pretexto para deixar de cumprir a sua promessa! Aborreceu-se, sem duvida; teve saudades de alguma pessoa que deixou na côrte a curtir as dôres da ausencia e quer voltar para junto della... Pôde ir... não sei eu quem lhe embargue os passos!

FELINTO (*Com ironia*)

Como subitamente mudarão-se as posições. (*Com fogo*). Pensa então que tenho sido indifferente a tudo quanto se tem passado nesta casa desde o dia em que determinou-se o nosso consorcio?... Para que isto suc-

cedesse era necessario que eu não tivesse duplicada vista; que além dos dois órgãos visuaes que a natureza collocou-me nas faces, não tivesse os do amor, amor que se alentou em doces e suaves esperanças, amor que creceu alimentado pelo mesmo tecto, que se gerou no mesmo berço. Eu a tenho visto terna e carinhosa com esse homem, que detesto e aborreço; tenho-a visto passar pelo seu braço junto de mim, embebidos ambos talvez na formação de bellos e esplendidos futuros; rindo, quem sabe? do pobre louco e credulo que se deixou tão tola-mente embair. Nem um olhar, nem um gesto... Oh! isto é cruel!... (Chora).

CELINA (*Aparte*)

Meu Deos! como eu soffro!... (*Alto*). Primo, por Deos, não me crimine, ouça-me.

FELINTO (*Doloroso*)

E a senhora esperou que eu visse quasi executados os projectos de felicidade que desde pequenino me tumultuão na mente; esperou que o meu amor creasse profundas raizes, para então descarregar o golpe! E eu, louco que sou!... durante vinte annos de uma vida decorrida ao lado da sua, da mais santa intimidade, não descobri no seu rosto uma manifestação, um atomo sequer da dureza e perfidia de sua alma; deixei-me falsamente enlevar por um corpo que nada mais revela do que um anjo no exterior e um demonio no interior!

CELINA (*Em ancia*)

Oh! Felinto!...

Felinto
acha que
Celina se
aproximou
m. sério

FELINTO

Adeos, minha senhora, seja feliz. (*Sahe desorientado.*)

Scena 2.^a

CELINA (*Cahindo na cadeira*)

Oh ! meu Deus !... Fatal segredo ! Porque m'o revelarão !... Ah ! Servulo, meu irmão, sem o querer cavaste a ruina talvez de uma familia. Meu paiahi vive entregue a uma incerteza cruel, tendo seu filho perto de si e sem poder abraçal-o, e eu perco agora o eleito da minha alma, aquelle a quem dediquei vida e coração para não revelar o segredo que me confiarão !... Não, mas o que faço ? Vejo meu pai soffrer ; tenho o remedio nas mãos e não lh'o prodigaliso ? Oh ! sou bem má filha !... (*Chora.*)

Ela já sabe
que Servulo é
seu irmão, mas
nã pôde contar
a Felinto (e o
pai d'ê nã sabe)

Scena 3.^a

SERVULO E CELINA

SERVULO

Que tem, Celina, por que chora ?

CELINA (*Levantando-se*)

Oh ! não m'o pergunte. O Sr. é origem da dôr que actualmente me acabrunha. Porque me contou a historia de sua vida ? Porque não deixou que eu vivesse enganada como o estão sendo todos os outros que nos cercão ? Que direitos mais valiosos do que elles tenho eu para merecer a sua confiança ?

Servulo contou
a Celina

SERVULO

Prometti-lhe um dia que lhe contaria a minha vida ;
cumpri a minha promessa.

CELINA

Oh ! o Sr. é muito cruel !... Sabe que desde o dia em que fixou-se o meu casamento, meu pai vive entregue a dôr das chagas que lhe abrirão n'alma aquellas palavras:—Deos o sabe e o futuro lh'o dirá—, pelo Sr. pronunciadas, e, entretanto, olha-o com indiferença, castiga-o com uma ironia e reserva que elle está bem longe de merecer, pois demasiado se mostra arrependido do seu crime. Por sua causa acaba Felinto de deixar-me talvez para sempre. Oh ! tenha pena de mim, de meu pai, sobretudo !

SERVULO

E o que eu soffri tambem durante 22 annos ?... E o que padeceu aquella pobre martyr, que Deos arrebatou de meus estremecidos braços ?... Sabe porventura, Celina, o que é perder uma mãe, esse anjo consolador, essa creatura candida e meiga, em cujos labios brinca sempre um sorriso divino, em cujo seio se agita um volcão de amor e de carinhosas ternuras ? Quando, sob pretexto de vender terras que me pertencião, procurei ter ingresso nesta casa, era guiado pelo desejo de vingança. A bondade, a ingenuidade e candura que resumbrão de seu rosto, a affabilidade de seus modos desarmou afinal o meu braço, e ao desejo de vingança succedeu o da reconciliação.

Servulo queria
vingança, mas
Celina o desarmou.
Agora a reconciliação

CELINA

Então, porque atormenta nosso pai com o seu silencio?

SERVULO

Não é atormento. Se tenho usado de reserva é pela senhora mesma, pela sua felicidade. Quantas vezes, Celina, quando vejo seu pai triste e pensativo, magro e pallido como se uma terrivel enfermidade o affligisse, não sinto impetos de lançar-me a seus pés, cobrir-lhe de beijos a mão rugosa e confessar-lhe tudo? Occulto-me muitas vezes para chorar quando o surprehendo a olhar-me terno e como querendo ler atravez de meu corpo o que se passa na minha alma! Mas comprehende bem que uma surpresa pôde mata-lo. Eu nada mais faço do que preparar o seu espirito. Não se mortifique, pois; muito breve a felicidade reinará nesta casa. Felinto não partirá.

CELINA

Oh! obrigado, meu irmão!...

SERVULO

Nada tem que agradecer-me: faço o meu dever. Agora vá ver seu pai, ou antes nosso pai, convide-o a passear pelo jardim, distraia-o, poupando-lhe porém abalos violentos.

CELINA

Comprehendo. Fique descansado que nada direi.
(Sahe).

Scena 4.º

SERVULO

Ainda ha pouco tempo — odio, agora — amor e amor abundante ! Mas enganava-me. O que eu sentia não era odio, era desvairamento, erão as consequencias das horribéis provações por que passei na academia. Lá — todos fallavão em suas mãis, uns com a doce esperança de vel-as muito breve, outros alegres, por terem recebido uma carta... e eu... nem esperança nem alegria !... Aqui era um que se orgulhava pronunciando o nome de seu pai, ali — outro que contava a seus collegas o seu passado decorrido no seio da familia... E eu, pobre bastardo ! fugia delles porque tinha medo que perguntassem o nome do meu, fugia porque não tinha uma familia ! Dahi nasceu esse sentimento que tão mal interpretei. Foi essa creença que me fez voltar á razão ! Oh ! Celine, eu t'o agradeço. Teu noivo tem ciumes de mim... julga-me teu amante porque uma intimidade muito natural e até necessaria se estabeleceu entre nós. (Toca a campainha).

Olha Xamur

Scena 5.º

SERVULO E MATHIAS

MATHIAS

V. S. chamou ?

SERVULO

Sim, diz-me : viste o Sr. Felinto ?

MATHIAS

Vi-o ha pouco a passeiar no jardim.

SERVULO

Bem. (*A parte*). Ainda não partio; corramos a encontrá-lo. (*Sahe*).

MATHIAS (*Só*). (*Depois de pausa*)

E lá se foi quasi a correr! *Macacos me mordão* se eu entendo esta embrulhada. Sempre ouvi dizer que *agua molle em pedra dura tanto bate até que fura*... porém desta vez tenho em vão tentado decifrar este enigma! O Sr. Aguiar ahí anda como se estivesse mordido de cobra; a Sra. Celina conversando baixinho com o tal doutor... (*Parando e olhando assustado*). Não fosse elle estar por ahí a espreitar... Tem esse bom costume;... o Sr. Felinto todo arrevesado, com ares de ministro derrotado; o Sr. Almeida é assim uma especie de ama secca que acode a todos e a todos consola, e até eu tenho feito as minhas mudanças; antigamente podia fallar onde e quando me aprouvesse, sem que fosse apanhado em flagrante... hoje, não; o doutor não me deixa pôr pé em ramo verde. Enfim, aqui ha por força mysterio a desenrolar, e eu, confio em Deos, estarei vivo para vêr o desenlace da historia. Nutro cá as minhas desconfianças, tenho feito algumas supposições, porém... sigo a divisa de S. Thomé: *vêr para crer*. [*ris. cómica*]

Scena 6.

ALMEIDA E FELINTO

ALMEIDA (*Trazendo Felinto pelo braço*)

Nada, não senhor! que idéa foi essa de passeiar agora a cavallo?! Venha cá, ande... um noivo em vespas de casamento não deixa a companhia de sua futura.

FELINTO

Sr. Almeida...

ALMEIDA

Qual Sr. Almeida !... Venha cá, venha contar-me o que tem. Então o senhor, que ha um mez e tanto se acha aqui sem vontade de passeiar, agora que está prestes a casar, deu-lhe na cabeça dar passeios e para isso aprompta malas, como se tivesse de fazer grande viagem ? Ande lá... responda.

FELINTO

Pois bem, Sr. Almeida, já vejo que é impossivel dissimular : serei franco. Eu não ia passeiar, fugia para nunca mais voltar.

ALMEIDA

Isso sabia eu. E pensava então que, velho militar, depois de tel-o preso, havia de deixal-o fugir, de me deixar enganar como um pobre recruta ? Vainos, desembuche ! que motivos tem para proceder tão ingratamente ?

FELINTO

Não classifique de ingratidão o que não é senão um amor extremoso que foge para não se vêr despresado. Diga antes que é uma cobardia, porque eu fugia para não morrer !...

ALMEIDA

Logo vi que isso não passava de arrufos e ciumes, que a estola sacerdotal muito breve fará desaparecer.

*Felinto arru-
ma as malas
1/2 penta*

FELINTO

Seja embora ciúme; posso, entretanto, garantir-lhe que é legítimo, fundado em factos reaes por mim proprio presenciados.

ALMEIDA

Ora, meu amigo, não é bastante dizer, é necessario que prove.

FELINTO

Quer provas?... pois bem, vou dar-lh'as. Sabe que o meu casamento está resolvido. Julgava-me feliz; via transmutados em palpavel realidade os sonhos do ventura que creara a minha louca imaginação. Eis que apparece entretanto um homem, quem sabe se aventureiro, que vem destruir toda essa felicidade. Muito embora sem origem conhecida, sem um nome justificado, trazia cartas de valiosa recommendação, e isso bastou para que fosse recebido como um distincto cavalheiro. A principio não a delicadeza, a lealdade, a consciencia de sua validade os seus mais pronunciados caracteristicos; não tardou, porém, que demonstrasse ter tão negra a alma como a propria pelle. Sabendo que eu ia unir o meu destino ao de uma moça, cuja posse talvez tambem ambicionava por sua fortuna e posição, soube astutamente insinuar-se no espirito inexperiente da creança e conseguiu roubar-m'a...

ALMEIDA

E esse homem é?...!

FELINTO

É o Dr. Servulo de Oliveira!

ALMEIDA

Cale-se, Sr. Felinto, não insulte um homem digno de toda a amisade e respeito. O Dr. Servulo não é um aventureiro ; alma grande e sobranceira, calma e despretenciosa, não pôde alimentar sentimentos tão baixos como os que o Sr. lhe empresta !...

FELINTO

Oh ! eu não fallaria se não tivesse provas...

ALMEIDA

Onde, porém, ellas ?

FELINTO

As quer mais valiosas do que a dôr em que meu tio se abysmou desde o dia fatal em que me concedeu a mão de sua filha ? Ella nasceu com as minhas suspeitas, suspeitas que se têm transformado em dura verdade. Como eu, elle vê a filha esquecer seus juramentos para entregar-se a um amor desairoso senão infamante, e pa-
dece por isso.

ALMEIDA

O senhor é uma creança ! Não é esta a causa dos soffrimentos de Aguiar ; outros muitos e mais pungentes o acabrunhão neste momento. Pense, entretanto ; reconsidere e verá que não só são mal cabidas as suas suspeitas, como até injustas em demasia.

FELINTO

O senhor nunca amou !... Sabe o que é alimentar-

se o coração em risonhas esperanças, sonhar futuros de ouro, e ver em um instante tudo desfeito, morto tudo?...

ALMEIDA

Ah ! mocidade !... Por ver as nossas cabeças cobertas da neve da velhice julga que o gelo cobrio também o coração, ou aliás, que nunca o tivemos !... E' que nós os velhos temos a experiencia, não procedemos tão irreflectidamente, medimos as acções, enquanto que vós tendes a mente abrasada pelo calor dos 20 annos. Vou fazer-lhe um pedido ; posso contar que serei servido ?

FELINTO

Conforme.

ALMEIDA

E' de mui facil execução :... não se ir embora...

FELINTO

E pensa que poderei permanecer muito tempo aqui, vendo outrem gosar a ventura que eu ambicionava ?

ALMEIDA

Ha de poder.

FELINTO

Ainda ha pouco fallei a Celina, abri-lhe minha alma : derramei todo o fêl que continha, e ella não soube defender-se, procurou evasivas para furtar-se ás minhas accusações.

ALMEIDA

Entretanto, faz-me o favor que lhe pedi ?

FELINTO

Pois bem, farei.

ALMEIDA

Bom. Agora vou tratar de desenrolar esta meada.
Até já. (Sahe).

Scena 7.ª

FELINTO

Como sou desgraçado, meu Deus ! Tôdas as louçanias da minha alma, todos os arroubos do meu coração de moço que depositára a seus pés, forão cruelmente calcados. Oh ! Celina, tu me espedaçaste o coração ! (Mudando). Como odeio esse homem !... Quizera enconral-o agora ; tinha desejos de insultal-o, esbofetear-o... Oh ! mas sou muito infeliz !... Não sei que respeito ao mesmo tempo elle me infunde, que me constranjo quando o vejo perto de mim... Hoje, porém, hei de reagir contra este poder occulto... Dai-me forças, meu Deus ; eil-o que chega...

Scena 8.ª

FELINTO E SERVULO

SERVULO

Ha mais de uma hora o procuro.

FELINTO

Não sei em que possa servil-o...

SERVULO

Sentemo-nos e conversemos como dois amigos que somos.

FELINTO

Ouç-o perfeitamente de pé.

SERVULO

Permitta-me entretanto que o não acompanhe, visto que me sinto cansado de correr todo o jardim em sua busca.

FELINTO

Falle ; estou á sua disposição.

SERVULO

Ouç-me sem indagar os motivos que me demovem a fallar-lhe como tenciono. Sr. Felinto, o Sr. ama uma moça : muito breve será seu marido—talvez amanhã ;—ella com igual affecto corresponde-o ; entretanto *(ironico)* parece que uma nuvem negra nublou o horisonte azul da sua ventura... Será verdade ?

FELINTO

(Ironico). Com effeito : é extraordinario !... O doutor vem fazer uma pergunta, para a qual não lhe posso reconhecer direitos, e antecipa-se prohibindo-me a faculdade de indagar as razões por que me interroga !...

SERVULO

Responda, se quizer. Os meus direitos muito breve talvez lhe sejam conhecidos ; por emquanto só lhe pergunto por que razão queria abandonar D. Celina, agora que ia ver realiado o seu mais ardente desejo ?

FELINTO

E quem lhe disse que eu queria proceder dessa forma ?

SERVULO

Não lhe importe saber. O meu interesse é que o Sr. Felinto volte á razão e reconsidere no passo que vai dar. Não vê que se partir vai matar aquelle pobre velho que vive para a felicidade de sua filha ; não vê que pôde assim matar aquella creança que o ama com o entusiasmo das almas immaculadas e puras e concentra no seu amor todas as esperanças do futuro ?

FELINTO

(Ironco). Como o Dr. é compassivo !... Como se sente dos males que podem sobrevir a essas creaturas !

SERVULO

E' verdade, Sr. Felinto, resinto-me pensando no futuro que aguarda esses dois entes, resinto-me vendo a ingratidão de que se revestem certos corações, que sacrificão a estultos caprichos as affeições mais caras ; resinto-me...

FELINTO

Basta, Dr. !... Que me tivesse roubado a felicidade,

que tivesse sido um amigo desleal e infiel, eu supportaria ; mas que além de tudo venha jogar á face da victima o insulto e o escarneo, não póde supportá-lo impassivel o homem que tem dignidade e brio.

SERVULO

Não o comprehendo !...

FELINTO (*Com fogo.*)

Ah ! o Sr. é mais do que hypocrita, é um infame !...

SERVULO (*Que ia avançar para Felinto*).

Senhor !... (*Reprimendo-se*).

FELINTO

Infame, sim, porque vem introduzir-se no seio de uma familia feliz, lançar a discordia entre dois corações que se amavam e acabrunhar de desgostos um homem de bem. Ah !... Ha muito tempo que eu ambicionava este momento. Sentia que o coração estava cheio de odio e despreso e era necessario descarregal-os sobre quem os motivara. Esse momento foi o senhor quem m'o prodigalisou.

SERVULO

Trago sem repulsão todo o peso da affronta que o Sr. Felinto me jogou, porque conheço bem a fonte donde ella provém para que a não desculpe e esqueça.

FELINTO

Ha talvez um mez que o senhor humilha-me com a

1 mês

victoria que alcançou sobre o coração de Celina e não contente com isso vem ainda pedir-me para que continue a sofrer essa humilhação. Sei bem o que devo à generosidade do Sr. Aguiar para que não guarde sempre no coração dos benefícios que me tem dispensado eterna e indelevel recordação... porém, ficar aqui por mais tempo é impossível!

SERVULO

Pois lhe digo que ficará.

FELINTO

E com que direito?

SERVULO

Com o do irmão que pede a felicidade de sua irmã!

FELINTO (*Admirado*).

Sua irmã!

Scena 9.ª

OS MESMOS E ALMEIDA E LOGO DEPOIS AGUIAR E CELINA

ALMEIDA (*Que tem ouvido o final da scena*).

Ora afinal desenrolou-se o carrete II...

SERVULO

Já era de mais para mim o sacrificio a que me tenho

voluntariamente imposto de esconder esta verdade ! Não se admire, Sr. Felinto, que o Sr. Aguiar seja meu pai. Com mais vagar lhe contarei essa historia.

FELINTO

E porque o não disse ha mais tempo ?

ALMEIDA

Sim, porque se tem calado ?

SERVULO

Porque ? Escutem : em primeiro lugar tinha medo que o Sr. Felinto, com o seu genio altivo, recusasse casar sabendo que me ia ter por cunhado; em segundo não desejava dar de chofre esta noticia a meu pobre pai, a quem já torturei bastante conservando-o na duvida em que até hoje vive.

ALMEIDA

E que já deve estar dissipada.

SERVULO

Como ?

ALMEIDA

Desde o dia em que o Dr. recusou o titulo de amigo que Aguiar lhe dera, dizendo ambicionar outro ainda maior, as suspeitas que elle nutria a seu respeito aggravarão-se de modo a não se poder arredal-o dellas. Desde então o seu unico cuidado foi procurar indicios pelo

quaes as podesse confirmar. E esses encontrou-os elle em uma medalha com as iniciaes S: O., que achou ha pouco no jardim contendo um retrato.

SERVULO (*Procurando a medalha na corrente do relógio*).

Oh! o retrato de minha mãe!... Perdi-o naturalmente quando andei ha pouco no jardim.

ALMEIDA

Abrio-a e reconheceu o retrato, e para maior segurança correu a combinar com um que possuia, enquanto eu vim aqui, afim de contar-lhe o occorrido.

Scena 10.^a

OS MESMOS, AGUIAR E CELINA

AGUIAR (*Dentro*).

Sim! é elle... é elle. (*Trazendo na mão dois retratos que combina simultaneamente. Entra, olha depois para Servulo e diz*): Oh! tu és meu filho! Eu já o tinha adivinhado!

SERVULO

Meu pai! (*Abraço-se*).

AGUIAR

Este abraço encerra o meu perdão, não é assim, Servulo?

"La croix de ma
mère" Servulo
perdeu a medalha
que estava na
corrente de relógio
e o retrato da mãe

SERVULO

Oh ! ha muito já o tinha eu perdoado.

AGUIAR

Soffri bastante, e seria crueldade se não m'o desses. Vinte e dous annos de martyrios e remorsos ! Mas enfim encontrei-te e agora posso morrer descansado.

um, mantido

SERVULO

E eu tambem quanto soffri ! este momento porém de suprema felicidade demasiado me compensa do sofrimento de outr'ora. Oh ! obrigado, meu pai ! (*Vendo Felinto e Celina que durante esta scena se tem conservado mudos e pensativos*). Em que pensa, Sr. Felinto ?

FELINTO

Na injustiça que lhe fiz, porém perdôa-me... não ?

SERVULO

E' a segunda vez que me pede perdão, sem que eu tenha por que conceder-lh'o. Vá antes despertar aquelle anjo que sonha. (*Aponta Celina*).

FELINTO E CELINA (*Correm um para o outro e abraço-se*).

AGUIAR

Sou agora completamente feliz !

ALMEIDA

Nesse caso, volto aos meus velhos papeis que já devem estar com saudades de mim.

CELINA

Não o fará, porém...

ALMEIDA

Sem que tu te cases, já sei.

Scena ultima

OS MESMOS E MATHIAS (ao fundo)

MATHIAS (Espreitando)

São Thomé disse que queria vêr para crêr, e eu sigo essa regra.

AGUIAR

Agora, meu filho...

MATHIAS (O mesmo).

Seu filho !... e esta !...

AGUIAR

Agora, meu filho, conta-me a historia de tua vida.

SERVULO

E' muito extensa ; depois lh'a contarei, assim como

a meus amigos, sem omittir a minima circumstancia ;
por emquanto limito-me a fruir a felicidade que me sor-
ri e abraça. Ria-se, embora o mundo do pobre bastardo;
fechem-se-lhe todas as portas do grande mundo social :
elle terá os braços da familia, a santidade e a doçura do
lar domestico para esconder o rosto e derramar em si-
lencio as suas lagrimas !

a sociedade continua
a ser sempre a
mesma, mas a felicidade
está na familia

FIM DO DRAMA.
